

**5ª PARTE**

---

# **Discursos**

## João Jacques Ferreira Lopes e seu apostolado literário <sup>15</sup>

*Giselda Medeiros*

Escritor seguro de seu ministério, João Jacques Ferreira Lopes conquistou elevado grau de sabedoria, graças à sua formação de base profundamente religiosa. Os caminhos palmilhados pelo jornalista sério, pelo cronista expressivo, pelo poeta autêntico, deixaram-nos lições de humanismo e de esperança. Sua escritura, de temática ampla e variada, é, muitas vezes, absorvida por um lirismo penetrante, amortecendo as agruras dos temas trabalhados, em que o ímpeto do poeta burila estrelas em meio à febre visceral da dura existência humana. Através da crônica, seu ápice literário, mostra-nos ele sua visão estética e seu alto poder de síntese na recriação da realidade, assumindo, desse modo, um lugar de destaque na crônica, esse gênero que veio tomando novos feitios, ao longo do tempo, até se impor, a partir do século XIX, como literatura propriamente dita, trabalhada sob a visão pessoal e subjetiva do autor, cuja ferramenta principal deverá sair do cotidiano da vida.

Nasceu João Jacques Ferreira Lopes em Fortaleza, Estado do Ceará, em 27 de janeiro de 1910, sob as bênçãos de Euterpe, Êrato e Polimnia. O célebre maestro Henrique Jorge Ferreira Lopes regeu-lhe os primeiros sustenidos de amor, sob o olhar meigo da mãe, dona Júlia Jorge Ferreira Lopes.

Viveu uma infância recheada de música e literatura, pois o pai, além de maestro, pertencera ao famoso grupo da Padaria Espiritual. Estudou piano, e o irmão Paulo Sarasate, violino. Entretanto, nem um nem outro realizou o sonho do pai, “filhos de peixe, nasceram gatos”. Pela convivência com Monsenhor Liberato, ingressou no Seminário

---

15 Palestra proferida em 11 de maio de 2009, na Academia Cearense de Letras.

da Prainha, onde esteve por 11 anos. Foi contemporâneo de Dom Hélder Câmara e Dom Raimundo de Castro. Os três identificaram-se pelo amor à literatura. Escreviam poemas e crônicas e os publicavam, sob pseudônimo, no jornal católico *O Nordeste*. Em matéria do jornal *O Povo*, quando do lançamento do livro *Flores para os cinco sentidos*, conta João Jacques que Dom Hélder foi severamente chamado pelo Superior do Seminário por ter publicado um poema em que falava das mãos de uma jovem sobre o teclado do piano. Levado a fazer ali a opção, não teve dúvida, preferiu a vida clerical. “Já comigo”, diz, “faltou-me coragem para assumir o voto de castidade, reconheci que não tinha vocação”. Contudo, a base religiosa foi-lhe o melhor aprendizado para toda a vida. Jamais se afastou da Igreja e de sua doutrina. Muito devoto de Nossa Senhora, ajudou na construção do Santuário de Fátima e criou a papeleta amarela, com o fim de erguer a nossa Catedral.

Fez as primeiras letras no Externato São Rafael e no Colégio Nogueira. Passou pelo Colégio São Luís e, no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, concluiu Filosofia.

Senhor de uma formação humanística, em toda a extensão da palavra, João Jacques soube dirigir seus veleiros, aportando sempre em lugares seguros, quando os fortes ventos da vida lhe tangiam os remos. Por onde passou, deixou as marcas de sua personalidade. Sensível e persuadido por seu “buliçoso espírito de mosca”, como definia a si próprio, estava em todos os lugares captando os dramas da humanidade. E seu olho de perspicaz observador, logo fotografava a argamassa de sua futura obra. A ele, não lhe seduziam as honras terrenas, embora sua maneira de vida tenha-lhe dado glórias como ser humano, pelo altruísmo e filantropia inerentes à sua natureza. Sabia que era preciso conservar no coração um ramo verde para que, assim, a esperança viesse sempre pousar e saciá-lo de sua fome.

Estava sempre a aprender, pois absorvera de Heidegger que “saber é ser capaz de aprender” e, por isso, procurava, em sua modéstia, levar ao próximo o óbolo de seu aprendizado, exercitando a oração franciscana “é dando que se recebe”. Tendo o espírito sempre em sinto-

nia com as emanções de Deus, sabia captar do ser os tons e semitons com que orquestrava suas crônicas, urdidadas nas experiências humanas, desde aquelas mais simples do cotidiano às mais complexas do comportamento do homem. Por isso, em sua escritura, punha sempre algo que amenizasse a dureza do tema trabalhado, imprimindo às crônicas um sabor adocicado, sem, contudo, enfastiar o apetite do leitor. É leve o seu estilo, harmoniosa sua linguagem, muitas vezes borrifada de delicada ironia, o que não lhe diminui a carga sentimental. Severa, no entanto, é sua obstinação em carregar o texto com uma mensagem humanitária, mensagem de fé e de esperança nos destinos do homem. Mensagem na qual se esmalta a luz do amor, que é, indubitavelmente, o sustentáculo da humanidade.

Em seu discurso de posse, na Academia Cearense de Letras, assim se expressou João Jacques: “Em minha profissão jornalística ou de literato do cotidiano, devotei-me honestamente à Verdade e à Beleza. E, se subi até ser alcançado pela vossa mão soerguedora, foi à custa dessas duas asas extraordinárias. Sempre amei a Verdade. A Beleza toda vida me seduziu”. E mais adiante: “Não se pode assim prescindir de Deus quando se busca a perfeição da Verdade”. E continua: “A Beleza que imanta apenas os sentidos não me basta. Parece assaz precária, frágil, fugitiva. Nunca nos farta o ouvido a música nem os olhos a geometria dos seres. A gama é infinita. E, como o ar atmosférico, sai do condensado ao rarefeito em busca do invisível e imaterial”. É óbvio que um espírito que alcança patamar de tão significativa contemplação interior, num mundo em que predomina a mercantilização da vida, em que a manipulação das emoções é levada ao absurdo como exigência do imperioso capitalismo, só poderia reverter beleza e verdade ao longo de sua caminhada sobre a terra. Daí a superdosagem, em suas crônicas, do sal da solidariedade, tempero que torna o texto mais consumido e mais afeito ao gosto do leitor.

Garimpando o dia a dia, pacientemente ele saía pelos vastos caminhos da linguagem, construindo atalhos, margeando rios, desbravando as florestas do pensamento humano, até extrair as gemas com

as quais ia forjando suas joias. E, assim, foram surgindo seus livros, sem a pressa dos que querem alcançar o topo, mas sim com a responsabilidade que têm os grandes homens.

Em 1954, lança seu primeiro livro: *Aspectos Econômicos do Ceará*, que reúne reportagens sobre as secas.

*Alma em Corpo Oito* data de 1964, e enfeixa uma seleção de crônicas, muitas delas publicadas na imprensa cearense, mais precisamente no jornal *O Povo*, onde trabalhou como redator-chefe e editorialista, durante 37 anos. Seu acendrado amor ao jornalismo ficou patenteado no próprio título, em que ele configura sua alma em “corpo oito”, dimensão da letra, sob a qual suas crônicas saíam publicadas no jornal. Nesse volume, estão trabalhos de grande sensibilidade estética, como “Velha Cacimba”, “A Borboleta e a Liberdade”, dentre outras muitas crônicas, das quais se podem depreender mensagens de elevado alcance sócio-filosófico. Transcrevemos o final da crônica “A Borboleta e a Liberdade”, em que, após debater-se na transparência da janela, tentando ganhar a liberdade, a borboleta, ajudada pela ação do personagem que a observava, “saiu voando como uma louca ou uma bêbada, em linha quebrada, aos ângulos obtusos, em itinerário de corisco, quase às cegas, mas subindo. Jamais vi borboleta atingir tão alto!”. E sintetiza: “A liberdade eleva o homem e as simples borboletas. A pior das prisões ou o mais negro dos cativeiros é aquele em que se tem apenas a ilusão da liberdade ou a liberdade por um óculo...”.

*A Grande Viagem*, 1966, reúne crônicas que relatam as mil e uma horas que passou nos Estados Unidos. O livro revela imagens bem tecidas que amenizam o seu caráter documental.

Em 1967, lança *Os Cardeiros Sangram*, que ele dedica à memória de seu irmão Paulo Sarasate. Avultam-se nesse volume crônicas de fina inspiração poética como “Alpiste e Cânhamo”, “Psicologia do Natal”, “Momento de Reintegração”, “A Alegria de Ser Lembrado”, “A Boca da Noite”, dentre outros muitos relatos.

*Uma Fantasia e Nove Histórias Reais*, reunindo contos, surge em 1969.

Em 1971, publica *A Prece do Menino Aflito* (poemas). Prefaciado

por Artur Eduardo Benevides, o livro é um canto de louvor aos valores humanos que gritam dentro alma do poeta, ante a efervescência de seus sentimentos, a exigir liberdade. E ele, com sua pena emotiva, vai transformando esses sentimentos em versos plenos de amor à vida e à esperança, sob uma temática lírica, recheada daquela simplicidade necessária para a compreensão da obra. Seu verso consegue nos transmitir variada carga de emoção sem se deixar cair em rebuscados derramamentos linguísticos e formais, obedecendo aos cânones segundo os quais a arte deve ser um todo simples e homogêneo, como simples e bela é a própria obra da natureza. O elemento racional unido ao afetivo forma o amálgama de sua escritura, o que é sobremaneira fundamental na obra poética, como podemos inferir destes últimos versos do poema “O Pajeú”, com o qual fica também ratificado que todo bom poeta tem um rio correndo em suas veias, como afluente de sua inspiração:

“Pajeú!

Secaram-te as fontes, lá pela Estância,  
mas continuas fluindo, escorrendo,  
como suor da cidade artesã,  
como lágrima da pobreza envergonhada.

Enfim, deságuas no oceano,  
cemitério de todos os rios,  
assinalado pelas cruces de todos os mastros...”

A presença da morte, essa “última possibilidade do homem”, também é motivo das divagações do poeta, que a vê como um ser existencial, “uma potência presente em nossa cotidianidade”. Mas atente-se para a mensagem de fé cristã deixada por João Jacques nestes versos do poema “Paralelo com o Abstrato”, em que mais uma vez aflora a riqueza de sua alma:

“E, quando a morte vier,  
ela, a destruidora,  
ela, a igualitária,  
ela, a cega de guia,  
não ficarão de teus templos  
pedra sobre pedra, mas  
de minhas catedrais de nuvens,  
cheias de santos e vitrais,  
restará, sutil e impregnante,  
o perfume do incenso...”

Desolado com a situação da humanidade ante os conflitos constantes do existir, ante a inversão dos valores, o poeta lastima e não quer ser conivente com a triste realidade que se abre diante da miopia de seus olhos. E desabafa:

“Cansaram-se de ver minhas pupilas.  
De ver até o que não era para ver:  
o avesso das cousas, o avesso dos homens.  
E não me resta senão quebrar as lentes,  
as lentes que aumentaram ao máximo  
as mínimas misérias de cada dia”.

Em 1978, vem a lume outro livro de crônicas, desta vez *A Canção do Tempo*. Nele, o autor condensa os escritos em que, sob o pseudônimo de Borba Lima, revelava o pulsar cotidiano do seu coração. Milton Dias, na apresentação do livro, afirma: “João Jacques reúne as três qualidades que Marco Polo julgava necessárias ao bom viajante: olhos abertos, mente clara e coração de poeta. É nestas três virtudes que reside o seu sucesso”.

*Contos e Cantos* data de 1981, reunindo produções em prosa e poesia.

*Flores para os Cinco Sentidos*, novamente crônicas, sai em 1984. Aqui, tudo é motivo de crônica: uma borboleta volteando no espaço, as histórias

ouvidas da ama Mariinha, um gato assustado no meio da sala ou um grilo assobiando no silêncio da noite, uma cena comum de potes quebrados na rua, um sorriso largo nos lábios e nos olhos de uma mulher inválida, o abandono das praças públicas, um pobre bêbado a carregar o mar nos olhos, ou o esplendor da natureza. Merece destaque especial a crônica “Minha Namorada”, com que o autor presentearia de mimos literários o grande amor de sua vida: Dona Luiza Quevedo Ferreira Lopes, carinhosamente, a Duzinha, com quem firmou laços matrimoniais, no dia 22 de outubro de 1933, na Igreja da Sé, abençoados pelo amigo Dom Hélder Câmara, união que perdurou por 66 anos de muita união e de amor recíproco. Hoje, ela se encontra junto daquele que foi “o melhor homem do mundo”, conforme suas palavras. Vejamos um trecho de “Minha Namorada”:

“Cruzamos olhares e houve qualquer cousa nesse encontro das chispas interiores da nossa mocidade. Tenho ainda a noção exata desse instante em que parece decidimos nossos destinos”. E acrescenta: “Toda poesia de minha vida vem do coração de minha amada”. E finaliza: “Eu a amo. Eu a beijo. Eu a quero sempre comigo. Mesmo depois desta vida...”

*Galeria de Honra*, publicado em 1986, é um livro de ensaio, no qual aborda vida e obra de Mário da Silveira, Júlio Maciel, Paula Nei, seu patrono na Academia Cearense de Retórica e de Monsenhor Quinderé, Augusto Linhares e João Augusto de Araújo, em razão do centenário de nascimento destes últimos.

*Minha Máquina, Meu Piano*, outro livro de crônicas, vem a lume em 1989. Da crônica que dá título ao livro, pinçamos: “Acostumei-me ao som das frases e ao ritmo das ideias. Meus pensamentos me descem do cérebro à ponta dos dedos, sob comando reflexo, através do sistema vascular e nervoso.”

“Há dias em que sou capaz de compor, à máquina, uma valsa. A valsa talvez da própria vida vienense. Vida em clave de sol. De muito sol ou de romântico luar...”

Inegavelmente, não se pode dizer que João Jacques não tenha sido um maestro, como o queria o pai. Ele o foi, sim, um maestro das metáforas e dos símbolos linguísticos.



Em 1992, publica outro livro de ensaio, *Otacílio de Azevedo – 50 anos de pintura e poesia*, no qual enfoca a vida e a obra do grande poeta cearense, seu amigo e seu mestre na arte do pincel.

Ainda escreveu *Pedro e o Rouxinol* (ficção), dedicado aos seus primeiros bisnetos, Rafaela e Bruno, e deixou inéditos dois livros: *Sala de Espera* (teatro) e *Música para Dormir* (poesia).

Muito mais nos teria presenteado o talento de João Jacques se não fora a moléstia que o acometeu, deixando-o à margem da escrita, privando-nos da fruição de suas produções literárias. Enfermo, em sua cadeira de rodas durante quatro anos, foi de um estoicismo singular. Segundo testemunho de Marta, sua filha, jamais ele deixou escapar o menor gesto de revolta ou desespero. A mesma fé inabalável que o sustentara, fê-lo maior ainda do que foi: “um homem de muitos instrumentos”, como declara a amiga Maura Barbosa.

Artur Eduardo Benevides, fiel amigo da família, saudando João Jacques, por ocasião de sua posse na Academia Cearense de Letras, assim se reportou ao novel acadêmico: “Sois um escritor. Bastaria isso para vos dar uma característica maior aos nossos olhos, que temos na mais alta conta o ato de criação literária e artística. E reunis a essa circunstância o fato de apresentardes uma obra qualitativamente rica, transmitindo-nos a mensagem de um espírito nobre e justo, dotado de excelente capacidade de visualização dos problemas espirituais e sociais do homem e de seus desejos de amor, de paz e de concórdia, alimentados pelas auras do sonho, da fé e da esperança”.

F. S. Nascimento também opina: “manejando o instrumental da língua com segurança, habilidade e apurado senso artístico, dele extraíndo toda a gama expressiva de que haverá de revestir-se o artesanato literário, João Jacques enquadra-se, sem dúvida, na lição formulada por Braga Montenegro, ao transportar para o plano do poema o cenário da cidade que palpita sob o pulsar inconstante dos que fazem o cotidiano”.

Por sua vez, João Clímaco Bezerra assevera: “Poeta, escrevendo versos com rara sensibilidade ensaística, autor de *Aspectos econômicos do Ceará*, contista, incursionando também pelo teatro, com uma

peça a ser encenada muito em breve, João Jacques é, todavia, antes e acima de tudo, o cronista do cotidiano”.

No cenário comum da vida, João Jacques teve também diversificadas funções. Foi Secretário da Educação da Prefeitura (1951-1954); Fundador do Banco do Nordeste e chefe do Gabinete de sua Presidência; Diretor da Empresa Cearense de Turismo; Assessor Especial do Presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos; Assessor do Presidente do Tribunal Regional do Trabalho; Membro do Conselho de Administração do BANDECE; Redator-chefe e Editorialista do jornal *O Povo*; Colaborador do *Diário do Nordeste* (onde tinha uma coluna diária) e do *Correio do Ceará*; Membro da Associação Cearense de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas. Comendador da Santa Sé pela ordem de São Silvestre.

Pertenceu à Academia Cearense de Retórica, à Academia Cearense de Jornalismo e ocupou a cadeira 28, patroneada por Mário da Silveira, na insigne Academia Cearense de Letras. Como escritor, esteve ao lado dos precursores do movimento modernista, participando dos grupos que atuaram em *Maracajá*<sup>1</sup> e *Cipó de Fogo*<sup>2</sup>, neste último, publicando “Mapa Mundi”<sup>3</sup>, poema, aqui, transcrito:

## MAPA MUNDI

Não chore, não, meu velho professor de geografia...  
Eu tingi de vermelho  
a Rússia,  
porque ela é mesmo assim...  
e  
de preto a Itália,  
porque são pretas as camisas fascistas  
de Mussolini...

1 Suplemento literário dominical do jornal *O Povo*. Circulou em 2 números: o primeiro em 7/4/1929 e o segundo em 26/5/1929.

2 Jornal independente dirigido por Mário de Andrade (do Norte). O único número circulou em 27/9/1931.

3 Segundo Sânzio de Azevedo, esse poema retrata a realidade geopolítica da época

e derramei azul pela  
 Inglaterra  
 Suécia e  
 Noruega, porque nelas,  
 ainda corre o sangue azul das monarquias...  
                     e colori  
 o Japão  
                     todo assim de amarelo,  
 por causa dos seus homens  
 a Alemanha de roxo,  
                     por força da grande guerra...  
 O Brasil,  
                     meu mestre,  
 deixe ficar em branco como está.  
 O branco é a fusão de todas as cores...  
 e  
 diz bem a lividez do espanto  
 e o sobressalto da última revolução...  
 Mais tarde,  
                     mestre,  
                     ele haverá de corar,  
 ante a nudez da verdade socialista...  
 e,  
 afinal, ruborizar-se com o sangue novo  
                     das gerações futuras...

Não chore, não, meu velho professor de geografia...

João Jacques Ferreira Lopes foi, assim, um bravo soldado da vida.  
 Um poeta com uma larga folha de ocorrências. Um cronista dos mais  
 festejados, cujo nome figura ao lado de Milton Dias, Álvaro Moreyra,  
 Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e muitos ou-  
 tros de admirável talento. Um pintor da vida e de suas abstrações. Um

homem, na verdadeira acepção da palavra, criado à imagem e semelhança de Deus. O esposo solícito de dona Duzinha, sua musa, a quem coroou com versos como estes: “Somos na verdade, mais / que destinos gêmeos, / que linhas paralelas, / que corpos bivalentes: / o mistério ou o impossível matemático / da soma de unidades heterogêneas...”. Foi o pai extremoso de Maurício (*in memoriam*), Henrique Jorge (*in memoriam*), Maria, João Quevedo, Paulo de Tarso e Marta. Um amigo inexcelsível, cuja maior virtude era a simplicidade. Um Acadêmico que soube honrar as responsabilidades a ele atribuídas. Finalmente, um imortal, que, nesta mesma cidade, na noite de 4 de dezembro de 1999, despediu-se das angústias terrenas, entrando para um novo ventre, “o ventre fecundo da terra. / Mas descalço e reduzido, / como fração da humanidade, / à expressão mais simples / da matemática e da filosofia...”. Rumou ao Olimpo celeste, com um ramo de louros cingindo-lhe a fronte altiva, como coroamento do dever cumprido. Nada como voar com suas próprias asas, “sem forçar grandes voos com asas de Ícaro”.